



A SENHORA DAS ÁRVORES

**A verdadeira história de como uma mulher que gostava de árvores
mudou uma cidade para sempre**

Katherine Olivia Sessions cresceu nos bosques do norte da Califórnia. Recolhia folhas de carvalhos e olmos, e colecionava agulhas de pinheiros e sequoias, que entrançava com flores para fazer colares e pulseiras.

Estávamos na década de 60 do século XIX, e as raparigas do estrato social de Kate não eram supostas sujar as mãos.

Mas Kate sujava.

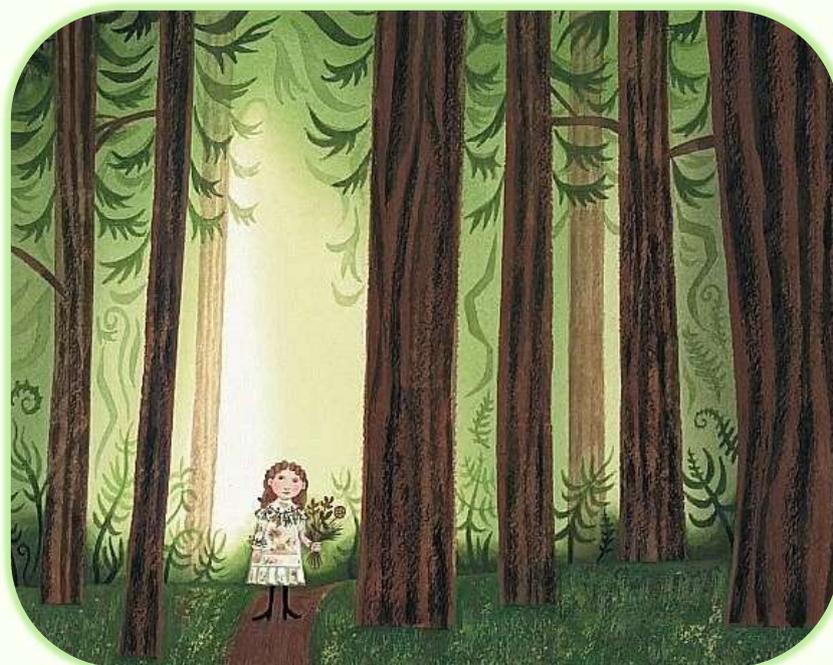




Kate era uma aluna atenta, que aprendeu facilmente a escrever e contar. Também tinha boa memória, e lembrava-se bem dos poemas e histórias que lia. Contudo, Kate preferia estudar o vento e a chuva, músculos e ossos, plantas e árvores. Especialmente árvores.

A maioria das raparigas não era encorajada a estudar ciências.

Mas Kate era.



Kate sentia que as árvores eram suas amigas, e adorava a forma como elas se aproximavam do céu, e como os seus ramos se estendiam para captar a luz. A menina via as

árvores como guarda-chuvas gigantes, que abrigavam todos quantos viviam na floresta: pessoas, animais, pássaros e plantas.

Nem todos se sentiam em casa no bosque.

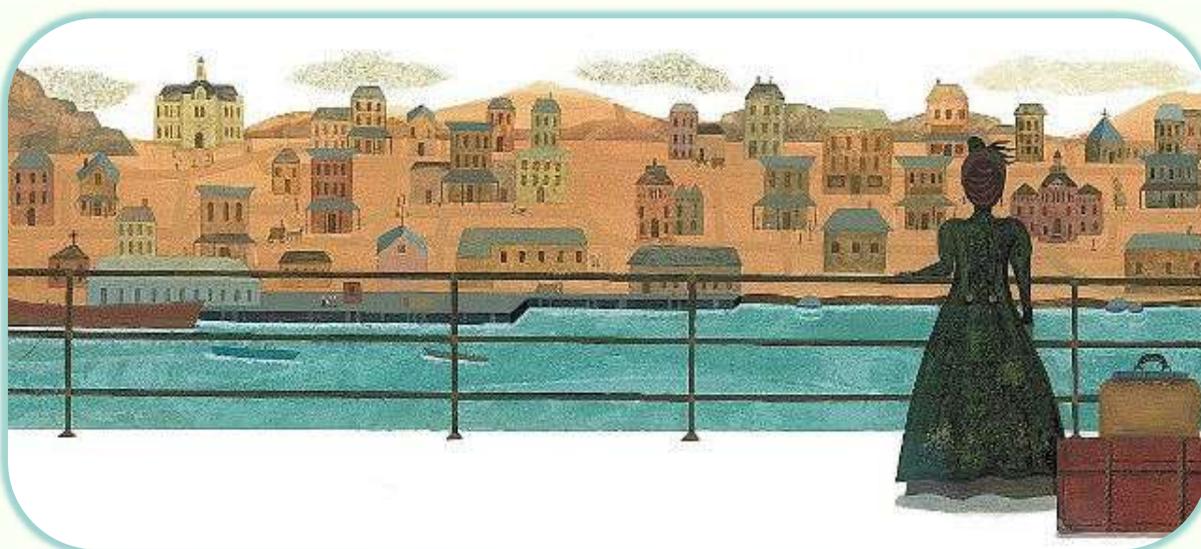
Mas Kate sentia.



A seu tempo, Kate saiu de casa para estudar ciências na faculdade. Aprendeu a usar um microscópio para observar o solo e os insetos, e também observou como as plantas produziam alimento e bebiam água. Além disso, estudou árvores de todo o mundo.

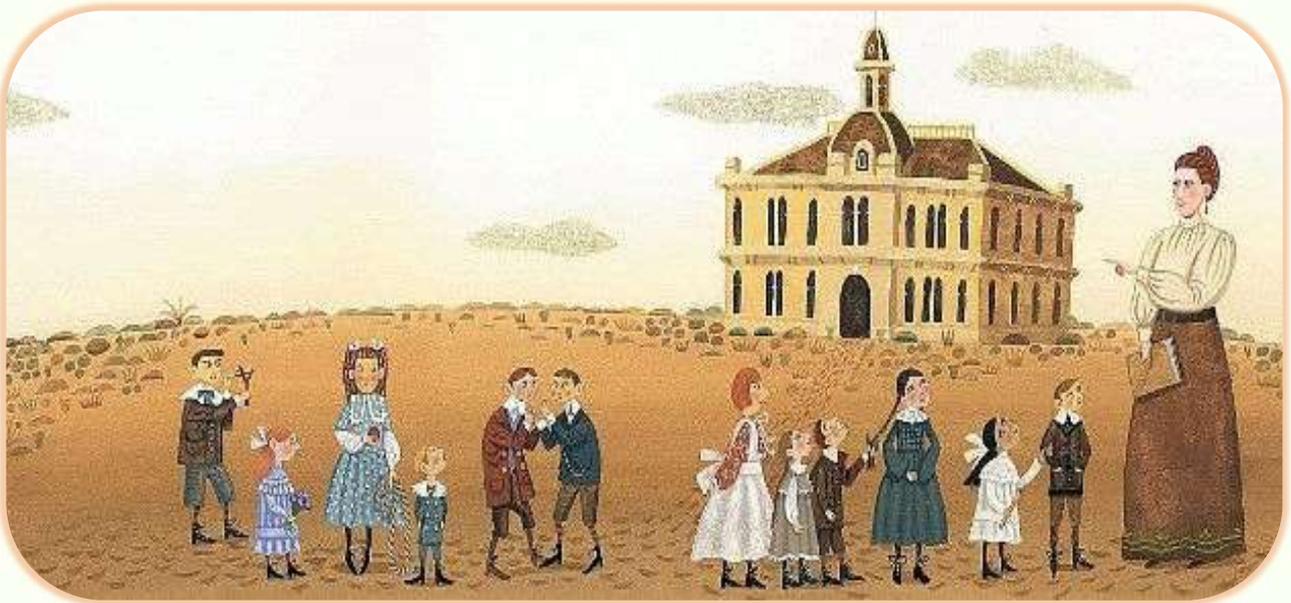
Nunca mulher alguma se tinha formado na Universidade da Califórnia com uma licenciatura em ciências.

Mas, em 1881, Kate formou-se.



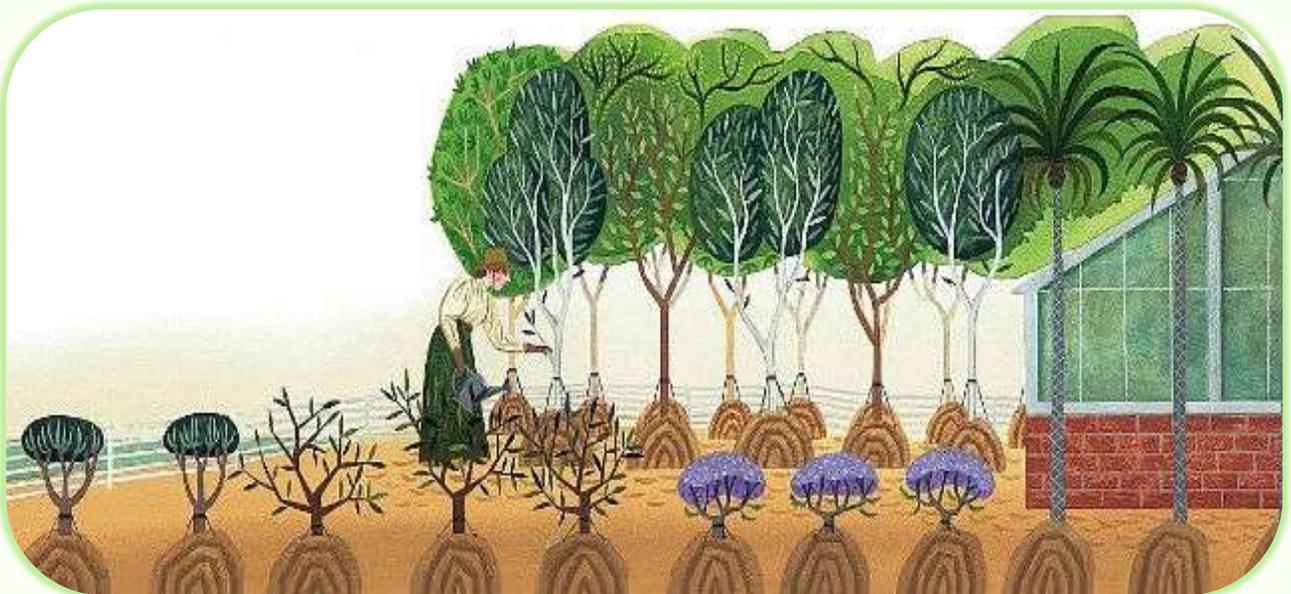
Depois da licenciatura, Kate arranhou um emprego no sul da Califórnia. Quando o barco atracou em San Diego, Kate viu que a sua nova casa era, na realidade, uma cidade deserta.

*Kate nunca pensou que iria viver num lugar com tão poucas árvores.
Mas agora vivia.*



Kate começou a trabalhar como professora e vice-diretora da escola onde ensinava, pelo que tinha de se certificar de que todos cumpriam as regras.

*Sentia falta de estudar ciências e tinha dúvidas sobre se continuaria a trabalhar ali.
Mas, durante dois anos, continuou.*



*Das janelas da escola, Kate via o parque que ficava nas colinas que rodeavam a cidade.
Chamavam-lhe parque, mas a verdade é que não se parecia com um parque, pois funcionava como local de pastagem e lixeira.*

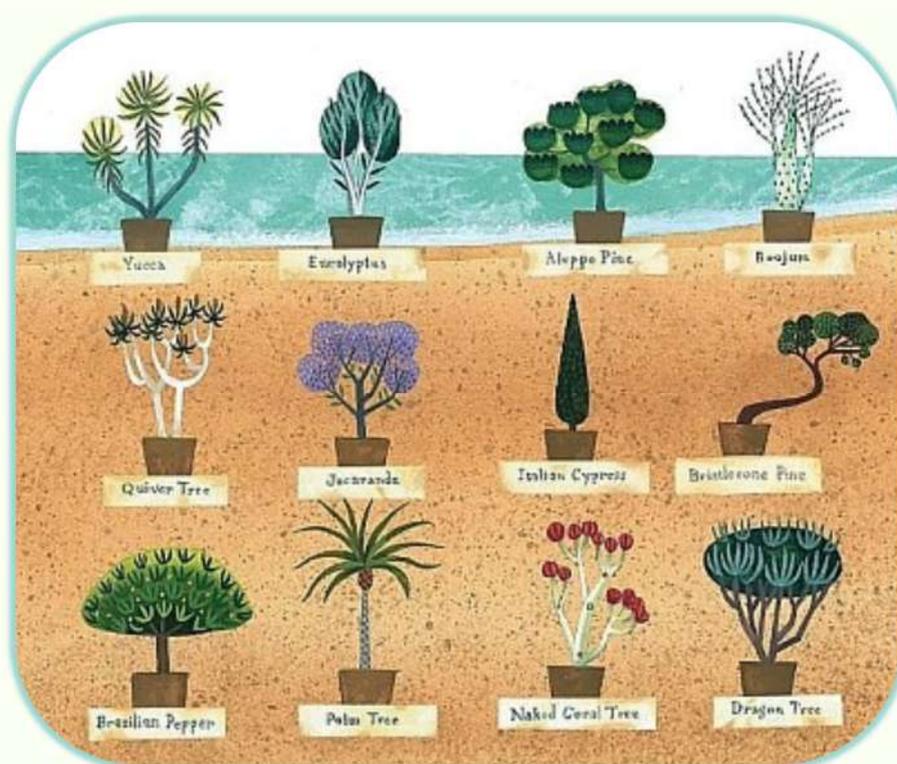
A maioria dos habitantes de San Diego pensava que o parque não era um terreno propício para árvores.

Mas Kate discordava.

Kate adorava árvores e achava que San Diego precisava mais delas do que nunca. Então, decidiu deixar a escola e tornar-se jardineira. Kate percebeu logo que teria de plantar árvores que conseguissem viver em solo muito seco e debaixo de muito sol.

Os amigos temiam que ela não encontrasse árvores assim.

Mas Kate encontrou.



Kate tornou-se uma caçadora de árvores. Escreveu cartas a jardineiros de todo o mundo, e pediu que lhe enviassem sementes que pudessem crescer em terreno árido. Também viajou para o sul do México à procura de árvores que gostassem de um clima quente e seco, e que apreciassem colinas e desfiladeiros íngremes.

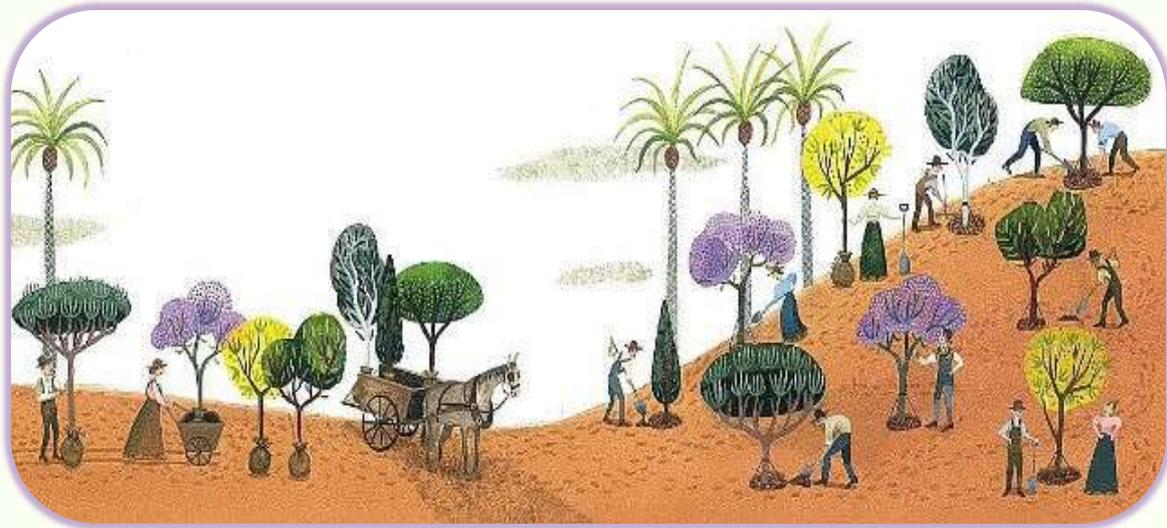
Nem todos sabem caçar árvores.

Mas Kate sabia.

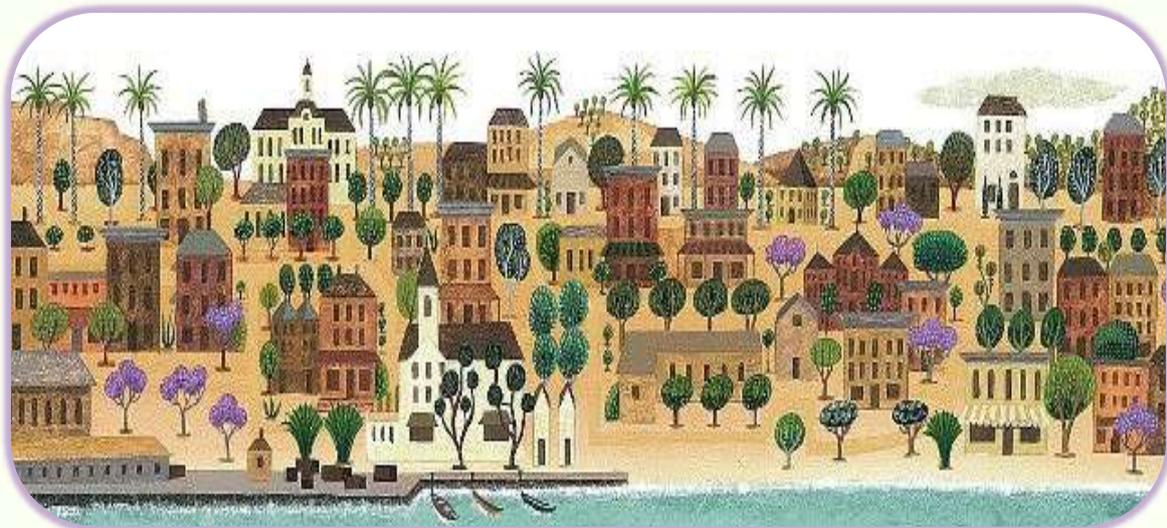
As árvores de Kate foram plantadas ao longo de ruas, em redor de escolas, e em pequenos parques e praças por toda a cidade. Os habitantes da cidade também compraram árvores no viveiro de Kate, e plantaram-nas nos seus quintais. Na viragem do século, havia árvores a crescer em todas as partes de San Digo: olmos, carvalhos, eucaliptos e palmeiras.

A maioria das pessoas não pensava que uma cidade desértica pudesse sustentar tantas árvores.

Mas Kate pensava.



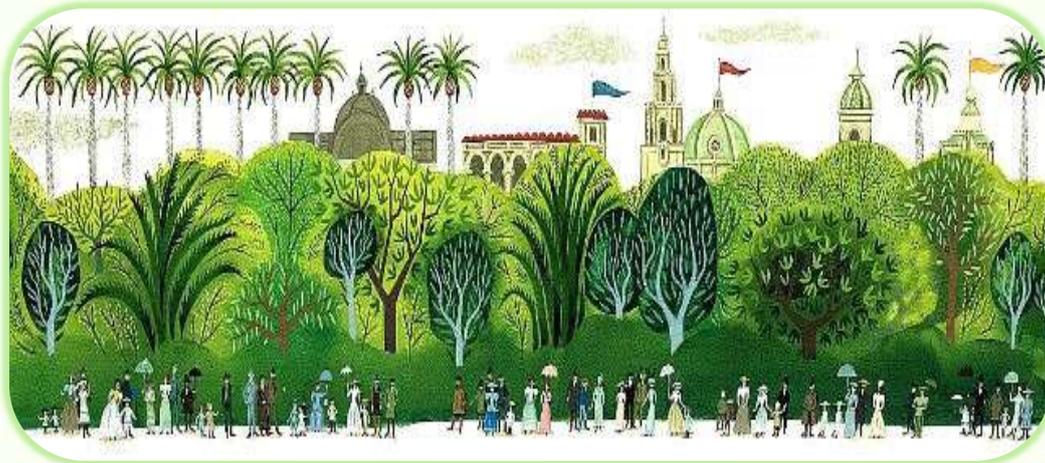
Então, em 1909, os autarcas da cidade anunciaram que a Exposição Panamá-Califórnia se realizaria em San Diego em 1915. A feira seria realizada em City Park, que se chamava agora Balboa Park, um lugar onde Kate queria ver plantados mais alguns milhares de árvores, não só pela beleza que dariam ao local, como também pela sombra que ofereceriam aos visitantes.



Embora fossem demasiadas árvores para Kate plantar sozinha, muitas pessoas juntas poderiam fazê-lo. Kate pediu aos amigos que trouxessem outros amigos, para que todos pudessem celebrar a plantação das árvores no parque. Foram muitas as pessoas que se voluntariaram para ajudar.

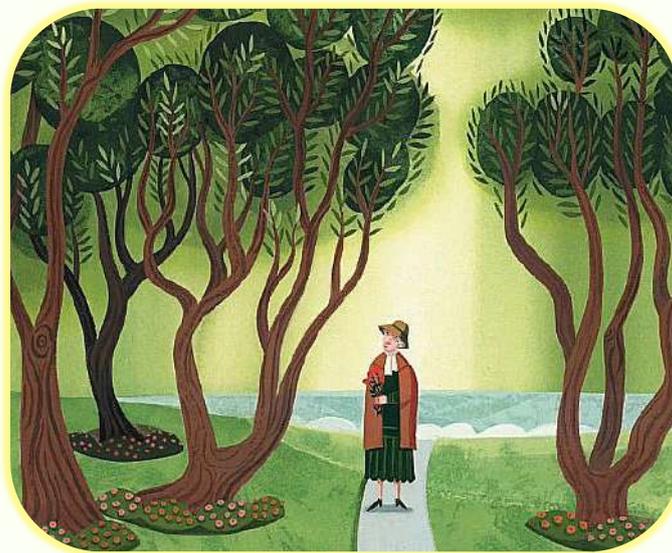
Esses voluntários não tinham a certeza de conseguir plantar árvores suficientes.

Mas não demoraram muito tempo a sabê-lo.



Quando a feira abriu, o Balboa Park de San Diego acolheu os visitantes com milhões de árvores e plantas. A feira teve tanto sucesso que permaneceu aberta durante dois anos, em vez de um. As pessoas vinham de todos os lados para ver as atrações e passear à sombra fresca das árvores.

Os visitantes da feira nem queriam acreditar que San Diego tinha jardins tão magníficos. Mas, graças a Kate, tinha.



Nos anos que se seguiram à feira, Kate recebeu muitos prêmios pelo seu trabalho, e as pessoas começaram a chamá-la a Mãe de Balboa Park. Kate continuou a jardinar e a plantar árvores até à sua morte, em 1940.

No início do século XX, poucos poderiam imaginar que San Diego se tornaria a cidade exuberante e frondosa que é hoje.

Mas Katherine Olivia Sessions nunca deixou de acreditar.



NOTA DO AUTOR

Quando Kate Sessions chegou a San Diego em 1883, descobriu que, no clima mediterrânico da região, floresciam plantas nativas resistentes à seca. Também encontrou plantas tropicais não nativas, tais como a poinsettia e a buganvília, que cresciam à vontade sob o céu ensolarado da cidade. Kate reparou que a paisagem incluía muitos microclimas, o que a tornava uma área perfeita para o cultivo de uma grande variedade de árvores e plantas. No entanto, o Parque Municipal de San Diego era seco, poeirento, e praticamente árido. Kate fazia tentativas de mudar a situação.

Em 1892, Kate fez um acordo com os autarcas da cidade, a fim de poder utilizar terrenos do parque para criar um viveiro de plantas. Como contrapartida, prometeu plantar cem árvores no parque todos os anos, e oferecer à cidade trezentas árvores, que seriam plantadas noutros locais. As pessoas adoravam as árvores de Kate, e no início do século XX, uma em cada quatro das árvores que cresciam em San Diego provinha do seu viveiro.

Embora seja mais lembrada pelo seu trabalho no City Park, que mais tarde foi rebatizado Balboa Park, Kate não estava apenas interessada em grandes projetos como a Exposição Panamá-Califórnia, pois queria que todos pudessem realizar-se como jardineiros. Durante mais de quarenta anos, escreveu artigos para jornais e revistas que falavam de plantas novas e que explicavam como cuidar delas. E, durante décadas, desempenhou um papel de liderança nas reuniões mensais da Associação Floral de San Diego, onde todos adoravam as espirituosas e encorajadoras respostas que dava às perguntas sobre jardinagem.

Em 1939, um ano antes de morrer, Kate, que tinha então oitenta e dois anos, tornou-se a primeira mulher agraciada com a Medalha Meyer, um prémio atribuído por serviços exemplares à ciência da horticultura.

Kate recebeu muitas distinções durante a vida, mas aquela que mais lhe agradou foi ser chamada a Mãe de Balboa Park. Foi graças a Kate que o parque se tornou no paraíso que é hoje

para os habitantes de San Diego, e para os catorze milhões de pessoas que o visitam todos os anos para desfrutar da sua enorme variedade de árvores, arbustos, flores e vinhas.



*H. Joseph Hopkins; Jill McElmurry (il.)
The Tree Lady:
The True Story of How One Tree-Loving Woman Changed a City Forever
Beach Lane Books, 2013
(Tradução e adaptação)*